

# ESTUDOS NIETZSCHE

VOL. 15 – N. 02 ISSN 2179 – 3441

---

## Algumas considerações acerca da mistura de povos ou raças no pensamento de Nietzsche

*Some considerations about the mixing of peoples or races in Nietzsche's  
thought*

Wilson Antonio Frezzatti Jr.

Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Professor associado do Curso de Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus Toledo, PR, Brasil. Contato: [wfrezzatti@uol.com.br](mailto:wfrezzatti@uol.com.br)

**Resumo:** A mistura (*Mischung*) de raças e povos aparece de modos contrastantes nos textos de Nietzsche. Algumas vezes, a mistura é exaltada por sua riqueza de características; outras vezes, ela é denunciada por sua estreita relação com a degeneração. Os objetivos deste artigo são, primeiro, investigar se a segunda perspectiva é justificada por uma possível influência das ideias de Arthur de Gobineau e, depois, se podemos, no contexto da fisiopsicologia nietzschiana, encontrar algum papel positivo para a mistura. Após estabelecermos que: 1) a noção nietzschiana de raça que se adequa às metas de sua própria filosofia, isto é, multiplicidade, mudança contínua e criação de novas culturas, é a de tipo cultural; e 2) não há razões para pensarmos em uma influência de Gobineau sobre Nietzsche, propomos que a personagem do bom europeu é o tipo fisiopsicológico, resultado da mistura de povos europeus, que possibilita a elevação da cultura.

**Palavras-Chave:** Bom europeu. Cultura. Fisiopsicologia. Gobineau. Raça.

**Abstract:** The mixture of races and peoples appears in contrasting ways in Nietzsche's texts. Sometimes the mixture is praised for its richness of characteristics, other times it is accused of being responsible for degeneration. The objectives of this article are: first, to investigate whether the second perspective is justified by a possible influence of Arthur de Gobineau's ideas; and second, whether we can, in the context of Nietzschean physiopsychology, find some positive role for the mixture. After we have established that: 1) the Nietzschean notion of race that fits the goals of his own philosophy, that is, multiplicity, continuous change and the creation of new cultures, is that of the cultural type; and 2) there is no reason to think of an influence of Gobineau on Nietzsche, we propose that the good European, the physiopsychological type that results from the mixture of European peoples, enables the elevation of culture.

**Keywords:** Culture. Gobineau. Good European. Physiopsychology. Race.

## Introdução

Nietzsche apresenta perspectivas antagônicas sobre a mistura (*Mischung*) de povos ou raças. Em *Humano, demasiado humano*, de 1878, no aforismo 475, intitulado “O homem europeu e a destruição das nações”<sup>1</sup>, o filósofo alemão aponta os fatores que provocam necessariamente um enfraquecimento progressivo das nações (*Nationen*) europeias: o comércio e a indústria, a maior circulação de cartas e livros, a posse comum de uma cultura superior (*höheren Cultur*), a rápida transformação dos lugares e das paisagens e a migração daqueles que não possuem terras. Essa situação propiciará contínuos cruzamentos entre as pessoas das atuais várias nações e culminará numa raça mista (*Mischrasse*): o homem europeu (*europäischen Menschen*). Essa mistura, Nietzsche afirma, está sendo retardada, consciente e inconscientemente, pela beligerância dos nacionalismos, fomentada por algumas dinastias reinantes e por determinadas classes (*Classen*) sociais, especialmente a dos comerciantes. Trata-se de um nacionalismo artificial (*künstliche Nationalismus*), que “é na essência um estado de emergência e de sítio que alguns poucos impõem a muitos, e que requer astúcia, mentira e força para manter-se respeitável”<sup>2</sup>. O filósofo alemão propõe que, acreditando na mistura, devemos nos proclamar um bom europeu (*guten Europäer*)<sup>3</sup> e trabalhar ativamente em prol da fusão das nações europeias. Os alemães, segundo o filósofo, serão colaboradores de grande importância nesse processo, “graças à sua antiga e comprovada qualidade de intérpretes e mediadores dos povos”<sup>4</sup>.

Há ainda outros momentos nos quais a mistura é exaltada de alguma forma. Em um fragmento póstumo de 1885-1886, Nietzsche diz laconicamente: “Onde raças são misturadas [*Rassen gemischt sind*], fonte de cultura elevada” (FP 1885/1886, 1[153]). O sentido histórico (*historische Sinn*)<sup>5</sup>, tão valorizado por ele e definido como “a capacidade de perceber rapidamente a hierarquia de

---

<sup>1</sup> Esse aforismo encontra-se no oitavo capítulo do livro: “Um olhar sobre o Estado”.

<sup>2</sup> Conforme tradução de Paulo César de Souza (PCS), In: NIETZSCHE, 2000, p. 257. As citações que não possuem indicação do tradutor são de nossa responsabilidade.

<sup>3</sup> Adiante desenvolveremos essa noção.

<sup>4</sup> Nesse mesmo aforismo, 475, Nietzsche afirma que o problema dos judeus só existe no contexto dos estados nacionais, e, quanto mais nacionalista for o Estado, mais ódio e inveja se tem da energia e da superior inteligência dos judeus, acumuladas por longo tempo de sofrimento. Essa situação “conduz os judeus ao matadouro, como bodes expiatórios de todos os males públicos e particulares”. Ainda segundo Nietzsche: “Quando a questão não for mais conservar as nações, mas criar uma raça mista que seja a mais vigorosa possível, o judeu será um ingrediente tão útil e desejável quanto qualquer outro vestígio nacional”. As contribuições judaicas à cultura europeia (Espinosa e Cristo, por exemplo) fizeram da história da Europa uma continuação daquela da Grécia antiga. As três citações estão conforme tradução de PCS, In: NIETZSCHE, 2000, p. 257-258.

<sup>5</sup> Cf., por exemplo, HH I 2 e 16 e GM I 17, nota e II 13.

valorizações segundo as quais um povo, uma sociedade, um homem viveu, o ‘instinto divinatório’ para as relações entre essas valorações” (BM 224), é visto pelos europeus como uma conquista europeia e, para Nietzsche, tal sentido “nos foi trazido na esteira da louca e fascinante *semibarbarie* em que a democrática mistura de classes e raças [*Vermegung der Stände und Rassen*] mergulhou a Europa – apenas o século XIX conhece esse sentido, enquanto seu sexto sentido”. Assim, devido a essa mistura, na alma moderna coexiste o passado de culturas e modos de vida europeus, “somos uma espécie de caos”. Embora, pondera Nietzsche, prepondere uma falta de estilo, já que há gosto para qualquer coisa, pode-se apreciar grandes realizações anteriores, como Homero. Apesar do homem do sentido histórico ser hostil à maturidade de toda cultura e arte:

Talvez [...] sejamos capazes de produzir em nós as pequenas, breves, excelsas felicidades e transfigurações da vida humana, tal qual aqui e ali resplandecem. [...] Como um ginete sobre o corcel em disparada, deixamos cair as rédeas ante o infinito, nós, homens modernos, semibárbaros; e temos a *nossa* bem-aventurança ali onde mais estamos – em perigo<sup>6</sup>. (BM 224)

Em outras palavras, a condição fisiopsicológica<sup>7</sup> do homem europeu moderno, embora não nobre, possibilita o surgimento de novas capacidades criativas, novas experimentações<sup>8</sup>, o que implica novos riscos.

Todavia, temos algumas outras passagens na obra nietzschiana que mais claramente detratam a mistura de raças europeias. Em *Aurora*, de 1881, no aforismo “A purificação da raça [*Die Reinigung der Rasse*]” (272), Nietzsche diz que, provavelmente, não existam raças puras, apenas depuradas, o que seria raro<sup>9</sup>. E agora ele associa as raças cruzadas (*gekreuzten Rassen*) não apenas a desarmonias físicas, como a não combinação entre os olhos e a boca, mas também a de hábitos, morais e culturais. O filósofo alemão apresenta a pureza

<sup>6</sup> As citações de BM 224 estão conforme tradução de PCS, In: NIETZSCHE, 2005, p. 115-117.

<sup>7</sup> Utilizamos fisiopsicologia no sentido da dinâmica da vontade de potência, ou seja, luta dos impulsos ou forças por mais potência. Sobre isso, FREZZATTI, 2019, p. 161-193.

<sup>8</sup> Por outro lado, no parágrafo anterior (BM 223), no qual Nietzsche relaciona diretamente decadência e fisionomia, há a denúncia de um outro uso da história: “O mestiço europeu [*europäische Mischmensch*] – um plebeu razoavelmente feio, afinal de contas – precisa absolutamente de um traje de fantasia: ele tem necessidade da história [*Historie*] como um depósito de fantasias” (tradução PCS, in NIETZSCHE, 2005, p. 114). Porém, nenhuma delas satisfaz esse homem, pois ele está sempre trocando-as. Ainda assim, o filósofo aponta uma vantagem para a história: a eventualidade de estudar e experimentar com as fantasias antigas. Diz Nietzsche: “Talvez descubramos precisamente aqui o domínio da nossa invenção, esse domínio em que também nós ainda podemos ser originais, como parodistas da história universal e bufões de Deus, quem sabe. Talvez, se nada mais do presente existir no futuro, justamente a nossa *risada* tenha futuro!” (tradução PCS, modificada).

<sup>9</sup> No FP 1884, 25 [211], Nietzsche pede a aniquilação (*Vernichtung*) das raças degeneradas: “É necessária uma doutrina *seletiva* [*züchtend*] bastante forte e efetiva: fortalecer os fortes, paralisar e esfacular os cansados do mundo. // A aniquilação das raças declinantes. declínio da Europa”.

racial como a consequência de inúmeras adaptações, absorções e eliminações, fazendo com que a força de uma raça se concentre em funções selecionadas durante o próprio processo<sup>10</sup>. Com a diminuição do desperdício de força, a raça se tornaria mais forte e mais bela, como exemplificariam os gregos. Nietzsche conclui o aforismo com um desejo: “Oxalá também se constitua, um dia, uma raça e cultura europeia pura”<sup>11</sup>. Para nós, é nítida a diferença entre HH 475 e A 272, entre a mistura e a purificação. Neste último aforismo, a rejeição da mistura fica ainda mais nítida quando lemos: “Livingstone ouviu alguém dizer: ‘Deus criou negros e brancos, mas o Diabo criou os mestiços’”<sup>12</sup>.

O ceticismo, que é visto, segundo Nietzsche, com desconfiança pela opinião europeia do século XIX, seria “a mais espiritual expressão de uma complexa constituição fisiológica, que na linguagem corrente chamam de neurastenia e debilidade; ele surge toda vez que se cruzam, de modo súbito e decisivo, raças ou classes por longo tempo separadas” (BM 208)<sup>13</sup>. Valores

---

<sup>10</sup> Cf., por exemplo, BM 262. Nietzsche também propõe a realização de experimentos com a seleção, por exemplo: “Por que não poderíamos fazer com o ser humano aquilo que os chineses sabem fazer de uma árvore – que de um lado haja rosas e do outro peras? Esses processos naturais de *seleção do ser humano* [Züchtung des Menschen], por exemplo, que até então foram praticados com uma lentidão e imperícia extremas, poderiam estar nas mãos dos próprios homens; e a velha infâmia das raças, das lutas raciais, dos ardores nacionalistas e dos ciúmes pessoais, poderia, portanto, ser reduzida a breves períodos – tudo ao menos de modo experimental. – *Zonas inteiras da Terra poderiam se dedicar a essa experimentação consciente!*”. Sobre o processo de seleção em Nietzsche, cf. FREZZATTI, 2022a, p. 139-181 e 2022b, p. 111-152.

<sup>11</sup> Conforme tradução de PCS, in NIETZSCHE, 2004, p. 179.

<sup>12</sup> Conforme tradução de PCS, in NIETZSCHE, 2004, p. 179. A citação parece ser originariamente de *O homem branco e o homem de cor* (*L'uomo bianco e l'uomo di colore*, 1871) de Cesare Lombroso, e, assim sendo, ela não foi citada corretamente por Nietzsche: “No Brasil, os casamentos de negros com indivíduos de raça latina não fornecem maus resultados, mas sim certamente na África, nas palavras de um homem sem dúvida imparcial, Livingstone, que reporta um provérbio nativo: ‘Um deus criou os brancos; não sei quem criou os negros; certamente um diabo criou os mestiços’; e acrescenta que ele viu somente um português mestiço com saúde robusta” (LOMBROSO, 1871, p. 11). Trata-se do missionário e explorador escocês David Livingstone, o primeiro europeu a pisar em certas regiões africanas durante as suas viagens de 1841 a 1873. Nietzsche não faz nenhuma menção a Lombroso em seus textos e cartas, nem há livros do italiano registrados na Friedrich Nietzsche's Library, mas ele pode ter conhecido suas ideias na *Revue Philosophique de la France et l'Étranger* (cf. FREZZATTI, 2019, p. 76-82). Sobre o uso de Nietzsche dos termos lombrosianos e a subversão parcial deles no sentido da degeneração ser um estímulo para a superação, cf. OWEN, 2021. Moore (2006, p. 141-142 e 171-172) menciona algumas coincidências entre Nietzsche e Lombroso: a associação, em “O problema de Sócrates”, entre as deformidades físicas e a degeneração cultural é típica do pensamento do psiquiatra italiano; embora Nietzsche utilize, nos seus últimos textos, o vocabulário de Charles Féré para tratar da degeneração, ele incorpora a noção lombrosiana de desvio congênito, a qual é rejeitada pelo francês.

<sup>13</sup> No parágrafo 262 de *Para além de bem e mal* (1886), Nietzsche apresenta outra perspectiva para explicar a multiplicação das características em uma cultura: quando um povo atinge um período de tranquilidade, no qual as restrições sociais que cultivaram as qualidades que propiciaram um tipo se fortalecer contra as dificuldades e inimigos relaxam, ocorre o surgimento de várias características, tanto superiores quanto inferiores àquelas dominantes na cultura. Esse mecanismo foi sugerido a Nietzsche por sua leitura de *A luta das partes do organismo* (*Der Kampf der Theile im Organismus*, 1881) do embriologista alemão Wilhelm Roux, especialmente a noção de

diversos são herdados pela nova geração, o que gera perturbações e dúvidas, as melhores forças e qualidades anulam-se mutuamente: “Mas o que em tais mestiços [*Mischlingen*] adoece e degenera mais profundamente é a *vontade*: eles não conhecem mais a independência no decidir, o ousado prazer no querer”<sup>14</sup>. Nesse mesmo aforismo, temos a relação direta entre classe e raça: “Nossa Europa de hoje, palco de uma tentativa absurdamente rápida de mistura de classes e, em consequência, de raças, é por isso mesmo cética de alto a baixo [...] e mortalmente farta de sua vontade”<sup>15</sup>. Essa paralisia da vontade, não distribuída de forma homogênea pela Europa, se encontraria disfarçada de, entre outras máscaras, objetividade, cientificidade, *l’art pour l’art*.

No § 17 da III Dissertação da *Genealogia da moral* (1887), temos, por meio da ação do sacerdote ascético, a diminuição do sofrimento pela domesticação dos instintos, necessária quando ocorre um difundido sentimento de obstrução fisiológica (*physiologisches Hemmungsgefühl*) na população. Nietzsche indica algumas causas dessa obstrução, dessa decadência da dinâmica impulsional: cruzamento de raças ou classes muito diferentes, mistura súbita de classes, emigração para lugares onde os indivíduos não conseguem se adaptar, cansaço vital da raça, dieta inadequada (por exemplo, alcoolismo, vegetarianismo) e doenças degenerativas do sangue (malária, sífilis etc.). No § 21 da mesma dissertação, o filósofo alemão aponta algumas causas da debilidade da raça europeia: o ideal ascético, a intoxicação alcoólica e a sífilis<sup>16</sup>.

Nietzsche, em “Os ‘melhoradores da humanidade’” § 3 (1888), dá como exemplo de moral no sentido de seleção ou cultivo de uma determinada raça e espécie (“den Fall der *Züchtung* einer bestimmten Rasse und Art”) a sociedade hindu de castas, estabelecida pela Lei de Manu. Trata-se de “selecionar, de uma vez, não menos que quatro raças”: a sacerdotal, a guerreira, a de mercadores e agricultores e a de servidores (os sudras). Essa organização social, aquela que “talvez nada contrarie mais nossa sensibilidade do que *essas* medidas de proteção da moral indiana”, luta contra o homem não selecionado [*Nicht-Zucht-Menschen*], o homem da mixórdia [*Mischmasch-Mensch*], o chandala, aquele que

---

adaptação funcional. Sobre uma análise de BM 262, cf. FREZZATTI, 2022b, p. 103-105 e 143-148 e 2022a, p. 30-31 e 151-152.

<sup>14</sup> Numa primeira versão, essa frase era: “O que mais se desgasta e enfraquece em tais ensaios de mistura da natureza [*Misch-Versuchen der Natur*] é a vontade; as antigas independência e originalidade da decisão desapareceram” (KSA 14, p. 360).

<sup>15</sup> As citações de BM 208 são conforme tradução de PCS, in NIETZSCHE, 2005, p. 100-101, a primeira foi modificada.

<sup>16</sup> Nesse mesmo parágrafo, Nietzsche acrescenta que diferenças de classes significam diferenças de raça ou de origem. Em GM I 6, ele afirma que a casta (*Kaste*) sacerdotal introduz a distinção de estamentos por meio do critério de pureza; essa distinção, posteriormente, perde seu caráter religioso e estamental e adquire um caráter moral: bom (*gut*) e ruim (*schlecht*). Nietzsche nos adverte que não devemos entender a primeira distinção como simbólica, mas sim como referente a tipos de comportamentos. O filósofo alemão parece, em *Genealogia da moral*, oscilar entre uma base mais biológica e outra mais cultural para a diferenciação dos tipos humanos.

não pertence a nenhuma das castas, não tem nenhuma característica distinta. Como o próprio Manu decreta, os chandalas estão excluídos dos direitos dos virtuosos, das pessoas de raça. Sobre a lei de Manu, Nietzsche comenta: “Essas disposições são muito instrutivas: nelas temos a humanidade *ariana*, totalmente pura, totalmente primordial – vemos que o conceito de ‘sangue puro’ é o oposto de um conceito inócuo” (CI, Os “melhoradores” da humanidade 4)<sup>17</sup>. O cristianismo seria, portanto, uma religião antiariana por excelência, pois se opõe a “toda moral da seleção [*Züchtung*], da raça, do privilégio”<sup>18</sup>.

Ao discorrer sobre os motivos dos fracos vencerem, o fragmento póstumo 1888, 14[182] mostra mais uma vez a associação entre classe e raça. Para Nietzsche, a decadência europeia envolve a mistura do sangue de todas as classes, a mixórdia social (*soziale Mischmasch*): “duas ou três gerações de pessoas não conseguem mais reconhecer a raça – tudo é desprezível. Isso resulta em um instinto coletivo contra a seleção [*Auswahl*]”. Haveria uma mistura de todos os instintos de declínio: “ressentimento, insatisfação, impulsos destrutivos, anarquismo e niilismo”, incluindo os instintos das classes que predominaram por longo tempo, ou seja, “os instintos escravocratas e aqueles de covardia, de astúcia e de canalhice”. Em um deslocamento tão rápido do centro de gravidade e diante de tão grande mistura, as exceções, às quais cabe retardar todo esse processo, ficam tentadas a adotar a mediocridade, pois só assim seriam ouvidos: “Resultado: a mediocridade adquire espírito, sagacidade, genialidade – torna-se divertida, seduz...”. E, assim, perde-se a possibilidade de elevação da cultura. Não poderíamos supor que Nietzsche pensava que isso aconteceu com Richard Wagner?

As distinções de estilo ou culturais e não raciais ou biológicas, além da *pia fraus* e da noção da degeneração como estímulo para a superação<sup>19</sup>, talvez

<sup>17</sup> Conforme tradução de PCS, in NIETZSCHE, 2006, p. 52.

<sup>18</sup> Porém, o § 5 de “Os ‘melhoradores’ da humanidade” talvez abale a impressão inicial de que Nietzsche defenderia incondicionalmente a crueldade racial e social da lei de Manu. Em primeiro lugar, a crueldade, para o filósofo, é pressuposto de toda moral que quer “melhorar” a humanidade, tanto a moral da seleção (*Moral der Züchtung*) quanto a moral da domesticação (*Moral der Zähmung*). Em outras palavras, tanto a moral hindu, como vemos em *Crepúsculo dos ídolos* e *O anticristo* (§ 55-57), quanto a moral cristã, como vemos largamente em *Genealogia da moral*, usam de crueldade para tornar o ser humano obediente. Em segundo lugar, temos a mentira, mais especificamente a *pia fraus* (mentira piedosa), a justificativa de uma moral, que pode ser um deus, a natureza ou um ilustre e distante ancestral: “Nem Manu, nem Platão, nem Confúcio, nem os mestres judeus e cristãos duvidaram jamais de seu *direito* à mentira” (CI, Os “melhoradores” da humanidade 5, tradução conforme PCS in NIETZSCHE, 2006, p. 52-53). A distinção racial hindu, portanto, seria uma invenção que justifica a imposição da separação de castas. Assim, poderíamos considerar as menções a raças biológicas em Nietzsche também como *pia fraus*?

As informações sobre a lei de Manu, segundo KSA 14, p. 420, podem ter sido extraídas de *Os legisladores religiosos. Manu – Moisés – Maomé (Les législateurs religieux. Manou – Moïse – Mahomet, 1876)* de Louis Jacolliot, livro existente na biblioteca de Nietzsche.

Sobre a *pia fraus* em Nietzsche, cf. FREZZATTI, 2008.

<sup>19</sup> Sobre o “Enobrecimento pela degeneração”, cf. HH I 224.

pudessem servir de desculpas para o aparente uso de noções racistas e eugenistas na obra nietzschiana, mas, de qualquer forma, parece-nos que a rejeição da mistura em, por exemplo, A 272 é incontornável. O que aqui teria acontecido no pensamento de Nietzsche? O que ocorreu no percurso do recorte que fizemos em seus textos? Esse recorte leva-nos a inferir que houve uma mudança no modo do filósofo alemão entender a mistura. Além do mais, o teor das críticas ao intercruzamento lembra muito as ideias de Arthur de Gobineau. O filósofo alemão, nos seus últimos escritos, passou a incorporar as ideias do filósofo racista francês? A mistura é, para Nietzsche e de modo significativo, causa de degeneração?<sup>20</sup> Antes de respondermos a essas questões, devemos abordar um aspecto preliminar: a noção nietzschiana de raça.

### A noção de raça (*Rasse*) em Nietzsche

A palavra “raça” vem do italiano *razza* e tem sua origem no latim *ratio*, que significa categoria, espécie. Na Idade Média, raça significava um grupo de pessoas com ancestral comum, ou seja, a descendência ou a linhagem. Lineu, no século XVIII, classificou as plantas em 24 raças ou classes, sendo que essa nomenclatura foi abandonada posteriormente. O médico e explorador francês François Bernier utiliza o termo, em 1684<sup>21</sup>, para classificar a diversidade humana em grupos. Na biologia do século XIX, a palavra designa a categoria taxonômica abaixo de subespécie. No entanto, a genética do século XX mostrou que, numa população de uma mesma raça, a variação pode ser maior do que aquela entre duas raças distintas<sup>22</sup>. Portanto, a raça não tem realidade biológica, ela é um conceito abstrato para explicar e operar sobre as diferenças humanas, dividindo-as em grupos estanques.

Mas, em Nietzsche, qual o sentido de *Rasse*? Certamente, ele não utiliza o termo em um único significado. Schank (2000, p. 4) considera que Nietzsche

---

<sup>20</sup> Desde Darwin ao menos, a importância da variação genética é reconhecida para a adaptação das espécies ao meio ambiente. Um interessante exemplo recente é a situação do queijo francês camembert (cf. NOSSA UOL, 2024). O fungo *Penicillium camemberti* é específico para a produção desse tipo de queijo, e uma variedade que produz mofo branco foi selecionada na década de 1950, no entanto essa linhagem, por falta de cruzamento diversificado, se degenerou, tendo sua capacidade de reprodução muito diminuída, o que ameaça fortemente a indústria desse laticínio. Os pesquisadores do CNRS estudam formas de solução do problema que envolvam o cruzamento de organismos de linhagens diversificadas. No caso do roquefort e do bleu, apesar de suas produções também estarem ameaçadas, a circunstância é menos grave, já que há duas cepas de *Penicillium roqueforti* e uma terceira foi encontrada. Em outras palavras, as cepas desses queijos ainda possuem alguma variabilidade.

<sup>21</sup> A obra *Nova divisão da Terra pelas diferentes espécies ou raças que a habitam (Nouvelle Division de la terre par les différentes espèces ou races qui l'habitent)* apresenta a primeira classificação científica das raças humanas.

<sup>22</sup> “Um senegalês pode, geneticamente, ser mais próximo de um norueguês e mais distante de um congolês” (MUNANGA, 2024)

participa de uma discussão europeia, na qual os sentidos predominantes seriam os de “povo”, “classe” e “tipos de seres humanos”, e, se isolarmos demasiadamente os textos do filósofo, o entendimento de sua interpretação facilmente se perde. O significado principal, na obra nietzschiana, segundo o comentador, seria o de tipo humano. Pela nossa perspectiva, a mistura, ou melhor, a condição fisiopsicológica do indivíduo resultante de cruzamentos dos povos europeus pode ser considerada um tipo, justamente aquele do bom europeu.

O conceito de raça, segundo Salanskis (2016, p. 350–352), passa a ser importante para o filósofo alemão a partir de *Humano, demasiado humano* (1878). Na década de 1880, *Rasse* significaria cultura, povo ou comunidade, mas não grupo social restrito. Para esse comentador, as raças humanas, para Nietzsche, são tipos culturais hereditários que surgem para responder a condições de vida específicas, como vemos em BM 262. Assim, o filósofo não compartilharia das hierarquias raciais biológicas vigentes em sua época, de teor nacionalista e antissemita<sup>23</sup>. Nos escritos nietzschianos, não haveria um determinismo biológico semelhante ao de Gobineau, a raça não seria o motor da história. Como já indicamos, a mistura, ao menos em alguns textos, é apreciada.

Para Schank (2000, p. 1), a palavra *Rasse* aparece nas questões axiais da filosofia nietzschiana: “a doença, a religião, a moral, a política e a questão da ‘elevação’ do homem”, e uma investigação sobre ela nos conduziria a áreas centrais do pensamento de Nietzsche, ajudando a esclarecer alguns aspectos controversos. Acreditamos que nosso artigo pode também contribuir um pouco com esse intuito.

## Nietzsche e Gobineau

Mas, nos textos em que Nietzsche despreza ou deprecia a mistura, há alguma influência de Gobineau? Essa pergunta não é fácil de responder, pois não há referências explícitas ao francês na obra publicada nem nos fragmentos póstumos (cf. NIETZSCHE, 2024). Não há livros de Gobineau na biblioteca de Nietzsche (cf. FRIEDRICH NIETZSCHE’S LIBRARY)<sup>24</sup>. A única aparição do nome

---

<sup>23</sup> Sobre o surgimento de um racismo nacionalista e antissemita na Prússia e o desprezo de Nietzsche por ele, cf. SCHANK, 2000, p. 18–25. No capítulo 10 de *Nietzsche: Philosopher, Psychologist, Antichrist*, “The Master Race”, Kaufmann (1974, p. 284–306) afasta Nietzsche do nazismo e do antissemitismo. Fazendo referências ao biógrafo de Wagner e musicólogo Curt von Westernhagen (*Nietzsche, Juden, Antijuden*, 1936) e ao antissemita e gobinista Ludwig Schemann (*Gobineau und die Deutsche Kultur*, 1934, entre outros textos), Kaufmann (1974, p. 296–297) assevera que Nietzsche e Gobineau seriam antípodas e que a visão nietzschiana sobre a raça difere dos nazistas. Para Westernhagen, Nietzsche utilizaria a terminologia de Gobineau para uma doutrina não racial, sendo que a perspectiva nietzschiana racial seria incipiente e ingênua, o que justificaria seu repúdio pelos nacional-socialistas.

<sup>24</sup> Janz (2016, p. 355) sinaliza que Nietzsche teria lido parcialmente as obras de Gobineau.

de Gobineau nos escritos do filósofo alemão é no Cartão Postal de 10 de dezembro de 1888 a Heinrich Köselitz (Peter Gast), redigido em sua querida cidade de Turim: “Este é o famoso ‘começo’, do qual se diz que é difícil... Não só está tudo certo, como está bem dito – a memória do Conde Gobineau e o generalizado acento francês é um golpe de mestre” (eKGBW/BVN-1888, 1182). Turim estaria maravilhosa por, além do sotaque francês, a ainda marcante presença de Gobineau, falecido nessa cidade em 1882?<sup>25</sup>

Para Claire Richter (1911, p. 183 e 220), Nietzsche amava ler Gobineau e, deste autor, trouxe a superioridade dos romanos sobre os gregos e a ideia do perigo do cruzamento de diferentes povos expressa em A 272.

Andler também acredita na influência de Gobineau sobre Nietzsche. Na viagem que o filósofo alemão fez a Veneza em 1880, o autor francês considera que Nietzsche ainda não concordava com Gobineau, o que não era o caso de Wagner:

Nesses dias em que Nietzsche descobriu sua personalidade profunda, não pôde dar ouvidos ao encantamento wagneriano do qual tentava se emancipar. [...] Foi com Gobineau, que retornava de uma missão em Constantinopla, que Wagner procurou orientação em Veneza, e Gobineau, nessa época, era desprezado por Nietzsche<sup>26</sup>. (ANDLER, 2016, p. 452)

Ao discorrer sobre a Parte 4 de *Assim falava Zaratustra*, Andler (2016, p. 602-603), além de apontar que a intenção inicial de Nietzsche era escrever com esse material um poema trágico, justifica o projeto por meio de Gobineau. O diplomata francês publicou no *Bayreuther Blätter*<sup>27</sup> de 1882 vários artigos sobre o teatro persa contemporâneo, considerando-o uma renovação do teatro grego antigo, pois não se trataria de um divertimento, mas seria transmissor de um misticismo profundo. O coro persa entoaria o martírio dos descendentes do imã Ali, os sofrimentos de uma nação humilhada, a defesa da religião e o ódio à repressão. Na língua persa, esse drama era chamado de *tazyeh*. Para Gobineau, tratava-se das mesmas personagens do drama de Dioniso despedaçado, apenas os nomes eram outros. Os espectadores persas também seriam tomados por um delírio sagrado. Segundo Andler: “Assim, ao lado de Bernhard Förster, Gobineau retomou, a serviço de Cosima, o apostolado abandonado por Nietzsche”. Ainda segundo Andler, Nietzsche não quis ficar para trás: “Nietzsche jurou a si mesmo escrever um *tazyeh* mais comovente do que aqueles cuja fabulação persa

<sup>25</sup> Gobineau faleceu no dia 13 de outubro devido a um acidente vascular cerebral, próximo à data de aniversário de Nietzsche (15 de outubro), e está sepultado no Cemitério Monumental de Turim.

<sup>26</sup> Conforme tradução de Vera Ribeiro.

<sup>27</sup> Revista antissemita fundada em 1878 por Richard Wagner e forte divulgadora das ideias de Gobineau.

Gobineau resumira, um drama lírico também pleno de cortejos e trenos [cantos fúnebres e lamentosos], de luto delirante e das esperanças de um povo inteiro”. Seria essa a tragédia no *Zaratustra*. Todavia, infelizmente, Andler não cita suas fontes sobre isso.

A famosa metáfora da besta louca (*blonder Raubsthier*) de GM II 17<sup>28</sup> é vista por Andler como tributária do patriarcado belicoso do jurista alemão Albert Hermann Post (*Elementos de construção para uma jurisprudência geral numa base etnológica comparativa – Bausteine für eine allgemeine Rechtswissenschaft auf vergleichend-ethnologischer Basis*, 1880/1881), do pensamento do filósofo francês Alfred Espinas (*As sociedades animais – Des Sociétés Animales*, 1878) e mesmo de Maquiavel. O autor francês comenta sobre a escolha de Nietzsche: “O bárbaro, tanto admirado por Gobineau, o monstro da cabeleira dourada, com punhos enormes, que não teme nada no mundo” (ANDLER, 1958, p. 308). Outra influência seria a afirmação de Nietzsche que o cristianismo não seria determinado pela raça nem pela nacionalidade, mas pelo sangue contaminado: “a última doutrina de Nietzsche deve muito a Gobineau, e, mesmo quando ele combate as conclusões deste, aproveita seus princípios” (ANDLER, 1958, p. 375)<sup>29</sup>.

Kaufmann (1974, p. 297), por sua vez, afirma sobre a besta louca:

A ética de Nietzsche está além da moralidade do senhor e do escravo. Ele pretende que nós não nos conformemos a nenhuma delas e que nos tornemos *autônomos*. A “besta louca” também não é um conceito racial, já que inclui especificamente os árabes e os japoneses<sup>30</sup>.

---

<sup>28</sup> “[...] está claro a que me refiro [à forma mais antiga de Estado] – algum bando de bestas louras, uma raça de conquistadores e senhores, que, organizada guerreiramente e com força para organizar, sem hesitação lança suas garras terríveis sobre uma população talvez imensamente superior em número, mas ainda informe e nômade” (Conforme tradução de PCS, in NIETZSCHE, 1998, p. 74-75).

<sup>29</sup> Andler faz referência, quando comenta isso, a BM 202 e 242. No primeiro aforismo, Nietzsche fala dos movimentos democrático, socialista e anarquista como herança do cristianismo, porém não menciona a corrupção do sangue: a moral de rebanho é sintoma de fraqueza impulsional. Em BM 242, em que os movimentos democrático e anarquista estão associados à civilização e ao progresso, a homogeneização dos europeus – aqui entendida como nivelamento ou massificação – é “um tremendo processo *fisiológico*”, no qual há, para as raças, uma libertação das condições ambientais de seu surgimento. Novamente, não há nenhuma menção a sangue. Pensamos que Andler entende a dinâmica da luta dos impulsos por mais potência, ou seja, a fisiopsicologia como de fato uma redução ao corpo físico e não como uma proposta de superação da dualidade corpo/alma. Além disso, é em AC 51 que Nietzsche diz que o cristianismo não é determinado pela raça nem pela nacionalidade: ainda mais uma vez não há menção de sangue nem de hereditariedade, mas de doenças nervosas como epilepsia e loucura, de “epidemias nervosas” e de “agregado de formas de *décadence* de toda parte que se aglomeram e se buscam”. A respeito da influência do médico húngaro Max Nordau nas menções de Nietzsche sobre as nevroses, cf. DI FILIPPO, 2005.

<sup>30</sup> Sobre os japoneses e árabes, cf. GM I 11.

O comentador assevera que o antagonismo entre a moral nobre e a moral escrava não deve ser entendido literalmente: “É digno de nota que esses dois *slogans* desempenham um papel relativamente pequeno nos escritos de Nietzsche e que – a despeito da alegada influência decisiva de Gobineau sobre Nietzsche – eles não são interpretados racialmente” (KAUFMANN, 1974, p. 296). Devemos lembrar, no entanto, que Nietzsche nos traz exemplos tanto da moral escrava quanto da nobre, especialmente em *Para além de bem e mal*, *Genealogia da moral* e *O Anticristo*. No entanto, isso não significa que o exemplo valide uma redução à raça biológica. Trata-se, para nós, sempre de uma tipologia fisiopsicológica<sup>31</sup>.

Nas edições de 1954 (16<sup>a</sup>) e 1969 (17<sup>a</sup>) da F. A. Brockhaus, Nietzsche e Houston Stuart Chamberlain<sup>32</sup> eram elogiados pela influência que haviam recebido de Gobineau (cf. NIEMEYER, 2014, p. 248), sendo que o filósofo alemão teria conhecido os textos do francês sobre as raças. Niemeyer entende que essa falsa ideia teria sido divulgada pelos partidários do nacional-socialismo amigos da irmã de Nietzsche, Elisabeth Förster-Nietzsche. O comentador apresenta também, como responsáveis por essa falsidade, os seminários sobre Nietzsche na Universidade de Leipzig (1902-1903) e o livro *Friedrich Nietzsche: sua vida e sua obra* (*Friedrich Nietzsche: sein Leben und sein Werk*, 1909) de Raoul Richter. Este autor foi, até 1909, o filósofo do Arquivo Nietzsche em Weimar, editor da primeira edição de *Ecce homo* (1908) e grande divulgador do discurso de Elisabeth sobre a relação entre Nietzsche e Gobineau.

Para Hermann (1999, p. 105-117), apesar de reconhecer que a preocupação de Nietzsche está assentada na cultura e não na raça em seu sentido biológico, a influência de Gobineau<sup>33</sup> é clara:

---

<sup>31</sup> Cf., por exemplo, nossa análise do tipo Sócrates em FREZZATTI, 2019, p. 175-199.

<sup>32</sup> O antissemita e nacionalista H. S. Chamberlain era genro de Wagner. Em *Os fundamentos do século XIX* (*Die Grundlagen des neunzehnten Jahrhunderts*, 1899), ele afirma que a raça ariana de Gobineau era a origem de todas as classes superiores europeias e asiáticas, sendo que ela existiria ainda de modo puro na Alemanha e no Norte da Europa. Wagner era amigo de Gobineau.

<sup>33</sup> No entanto, há uma diferença importante entre Gobineau e Nietzsche (e também Jacob Burckhardt): enquanto que, para estes dois últimos, o povo é uma unidade de forças e contraforças que se organizam e se desorganizam, Gobineau acredita no poder do sangue, isto é, da hereditariedade, enfim da raça. No *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas* (*Essai sur l'inégalité des races humaines*, 1853-1855), toda cultura europeia proviria de um único tipo biológico, o branco indo-germânico ou ariano: “Quando a história estabelece tão claramente esse antagonismo irreconciliável entre as raças e seus estilos de cultura, é muito evidente que a dessemelhança e a desigualdade estão na base dessas repugnâncias constitutivas; e considerando que o Europeu não pode pretender civilizar o negro, que ele apenas consegue transmitir ao mulato [*mulâtre*] um fragmento de suas aptidões, que o mulato, por sua vez, unido ao sangue dos brancos, ainda não gerará indivíduos perfeitamente aptos a compreender algo melhor que uma cultura mestiça de um grau mais avançado em relação às ideias da raça branca, estou autorizado a estabelecer a desigualdade de inteligência entre diferentes raças” (GOBINEAU, 1967, p. 174). Sobre Gobineau e o pessimismo racial, cf. HERMANN, 1999, p. 55-83.

Os arianos de Nietzsche respiram um vitalismo que Gobineau facilmente reconheceria. De fato, a evidência da influência de Gobineau sobre Nietzsche pode ser indireta, mas é convincente<sup>34</sup>. [...] No entanto, a “besta loura”, ariana e vigorosa de Nietzsche, não é um tipo racial, mas cultural. Sua principal característica é sua capacidade de espontaneamente “criar valores” para si mesma e para sua sociedade. (HERMANN, 1999, p. 108)<sup>35</sup>

O maior indício da presença de Gobineau nos textos nietzschianos seria, para o historiador norte-americano, a ausência de referências ariano-teutônicas, embora Nietzsche exalte a cultura indo-europeia. Isso indicaria que a fonte do filósofo alemão seria Gobineau e não os nacionalistas alemães (cf. HERMANN, 1999, p. 476). Haveria ainda outros indícios: a exaltação de César Bórgia; o cristianismo como religião antiariana por excelência; a associação dos chineses com a mediocridade; e a fraqueza da força vital europeia para a criação de valores; o zoroastrismo como religião ariana; e a valorização do Renascimento<sup>36</sup> (cf. HERMANN, 1999, p. 107-112). Nós entendemos que Hermann também confunde a fisiopsicologia nietzschiana, ou seja, a dinâmica da vontade de potência, com a vitalidade sanguínea de Gobineau, porque pensa que:

a filosofia de Nietzsche procedia dos mesmos pressupostos vitalistas de Gobineau. Toda civilização, ambos afirmavam, baseava-se num reservatório de força vital orgânica durante sua existência, ou seja, vontade de potência. No entanto a influência mais decisiva de Nietzsche seria exercida não sobre os pensadores raciais, mas sobre artistas e críticos culturais. Nietzsche os inspiraria a verem a si próprios como

---

<sup>34</sup> Hermann apoia-se em J. Boissel (*Gobineau (1816-1882)*, 1982) e W. D. Williams (*Nietzsche and the French*, 1952).

<sup>35</sup> Conforme tradução de Cynthia Azevedo e Paulo Soares (CA-PS).

<sup>36</sup> Para Gobineau, por mais cruéis que sejam as ações da elite racial, elas são saudáveis e vigorosas. O Renascimento seria o último ato criador ariano na Europa. Em *O Renascimento (La Renaissance, 1877)*, obra com diálogos fictícios entre personagens históricas, o Papa Alexandre VI diz a Lucrecia Bórgia: “a grande lei do mundo não é fazer isto ou aquilo, evitar um ponto ou correr para outro; é viver, crescer e desenvolver o que há de mais enérgico e maior em si próprio, de tal modo que, em qualquer esfera, se saiba sempre se esforçar para passar para outra mais ampla, mais arejada, mais elevada. Não se esqueça disso. Ande sempre adiante. Faça apenas o que lhe agrada, enquanto isso lhe sirva. Deixe a fraqueza e os escrúpulos aos pequenos espíritos e à plebe dos subordinados” (GOBINEAU, 1903, p. 107). Na edição norte-americana do livro de Elisabeth sobre o irmão, há uma propaganda do *The Renaissance* de Gobineau que consta uma informação que não vimos em nenhuma outra obra consultada: “Em um século marcado pelo romantismo e pela democracia, Gobineau foi um clássico e um aristocrata. Ele é um precursor de Nietzsche (“o único espírito europeu que eu gostaria muito de conversar”, disse Nietzsche sobre ele em uma carta) e como tal é particularmente adequado para lidar com um dos poucos períodos que não foi dominado pela lei moral. Por essa razão, Gobineau não pode deixar de atrair o grande e sempre crescente círculo de estudantes de Nietzsche neste país [Inglaterra] e nos Estados Unidos da América” (in FÖRSTER-NIETZSCHE, 1915, p. 418).

força contrária a uma ordem social decadente<sup>37</sup>. (HERMANN, 1999, p. 115)

Entre todas essas posturas, nós nos alinhamos a Schank<sup>38</sup>: “Se Nietzsche usa a palavra ‘raça’ com tanta frequência, isso não precisa ser devido a Gobineau. Toda a historiografia francesa do século XIX está repleta disso, independentemente de Gobineau, como deixam claro os livros de Young e Poliakov<sup>39</sup>” (SCHANK, 2000, p. 4). É fato que as informações diretas da relação entre Nietzsche e Gobineau são dadas pela irmã de Nietzsche em sua obra sobre a vida de Nietzsche (1895-1897). E essas notícias não são confiáveis (cf. SCHANK, 2000, p. 427-429)<sup>40</sup>.

Para Elisabeth, inicialmente Nietzsche não teria tido um interesse por Gobineau, sendo que o que ocorreria seria justamente uma influência do alemão sobre o francês. Porém, Nietzsche teria simpatizado muito pelo “homem” Gobineau. As afirmações de Elisabeth seriam as seguintes:

- o primeiro contato de Nietzsche com Gobineau teria sido no outono de 1877 por intermédio de Malwida von Meysenbug;
- ela teria lido um livro do diplomata francês para o irmão, mas não houve interesse por parte dele;
- o real interesse teria surgido quando da divulgação das críticas de Gobineau a Wagner e ao *Parsifal*;
- Nietzsche teria se arrependido de não ter conhecido Gobineau pessoalmente;
- Elisabeth acredita que o irmão leu alguma coisa do francês; e
- no outono de 1885, ela teria ouvido Nietzsche falar sobre o homem Gobineau de modo muito muito caloroso.

Uma carta do filósofo alemão, citada por Elisabeth, do início de outubro de 1888, não foi validada pela edição crítica da correspondência (KSB). Assim, o trecho em que Nietzsche se compararia a Gobineau provavelmente é forjado:

<sup>37</sup> Conforme tradução de CA-OS, modificada. Hermann (1999, p. 16) aponta como descendentes do pessimismo cultural nietzschiano Heidegger e Herbert Marcuse, além da utopia ambientalista radical do Unabomber, sendo que hoje haveria “uma nova aristocracia no vazio cultural moderno”, “de Picasso e Bertold Brecht a Sex Pistols e Madonna”.

<sup>38</sup> Para um apanhado crítico dos autores que aceitam e dos que negam a influência de Gobineau sobre Nietzsche, cf. SCHANK, 2000, p. 426.

<sup>39</sup> Schank refere-se a E. J. Young, *Gobineau und der Rassismus. Eine Kritik der anthropologischen Geschichtstheorie*, 1968 e L. Poliakov, *De Arische Mythe. Over de bronnen van het racisme en de verschillende vormen van nationalisme*, 1979.

<sup>40</sup> A descrença nas alegações de Elisabeth está presente em vários outros autores, por exemplo: HERMANN, 1999, p. 236-237 e 476 (nota 55); NIEMEYER, 2014, p. 248-249; VERRECCHIA, 1997, p. 107-109. Hermann (1999, p. 477, nota 68) afirma, com referências de E. Förster-Nietzsche, *Life of Nietzsche*, 1915, v. 2, p. 382-383 e A. Verrecchia, *La catastrofe di Nietzsche a Torino*, 1978, que Nietzsche teria perguntado aos habitantes de Turim onde Gobineau morava. Todavia, não encontramos essa informação em FÖSTER-NIETZSCHE, 1914, p. 512-515 e 1915, 382-383 nem em VERRECCHIA, 1997.

“Então estou de volta à minha boa cidade de Turim, essa cidade que Gobineau tanto amou – provavelmente é como nós dois. A natureza nobre e algo orgulhosa destes idosos de Turim também me deixa muito feliz”<sup>41</sup>.

Schank (2000, p. 428–433) argumenta contra as alegações de Elisabeth e apresenta suas conclusões, das quais destacamos as mais importantes:

- não há evidências de que Nietzsche tenha lido os textos de Gobineau, e talvez o seu contato tenha sido de forma indireta, em janeiro de 1866, quando leu *Parerga e Paralipomena* de Schopenhauer<sup>42</sup> ou através do *Bayreuther Blatter*;
- se, de fato, houve alguma simpatia de Nietzsche por Gobineau, ela se limitava ao “caráter nobre” do francês, especialmente ligado às críticas deste a Wagner;
- o antissemitismo de Gobineau era inaceitável a Nietzsche; e
- esta conclusão é, para nós, decisiva: houve tentativas dos wagnerianos e de Elisabeth de criar um “mito Nietzsche–Gobineau”<sup>43</sup>.

Enfim, fazemos nossas as palavras de Schank (2000, p. 439–440):

Uma vez que não existem “raças” em Nietzsche e nenhuma hierarquia racial no sentido de Gobineau, todas as tentativas de transferir as ideias de Gobineau baseadas nisso para Nietzsche também são equivocadas [...] // Para Nietzsche, os povos, e não as “raças” no sentido moderno, são moldados pelo “ambiente” e pelas “condições de existência” em que viveram durante muito tempo, e mudam à medida que essas circunstâncias mudam.

Portanto, para nós, Nietzsche entende indivíduos e povos como conjuntos de impulsos (*Triebe*) ou forças (*Kräfte*) em luta por mais potência, sendo que tais impulsos ou forças não são materiais nem espirituais, apenas quantidades variáveis de potência. O predomínio de uma configuração dominante não se cristaliza, há sempre mudança.

### **O bom europeu: um tipo fisiológico que exige a multiplicidade e a diversidade**

Se considerarmos que o único sentido de *Rasse* que merece consideração no pensamento nietzschiano é o de tipo fisiopsicológico e se entendermos que

<sup>41</sup> A carta encontra-se em FÖRSTER–NIETZSCHE, 1914, p. 512–515.

<sup>42</sup> “Gobineau (des races humaines) chamou o homem de 'l'animal méchant por excelência', do qual as pessoas se ressentiam porque se sentiam magoadas: mas ele tem razão, porque o homem é o único animal que causa dor aos outros, sem qualquer outro propósito além deste” (Schopenhauer, *Parerga und Paralipomena*, Kapitel Ethik Apud SCHANK, 2000, p. 429).

<sup>43</sup> Schank (2000, p. 433–441) apresenta argumentos para afastar Gobineau de vários excertos nietzschianos considerados, por alguns autores, escritos sob a influência do diplomata francês. As aproximações de Nietzsche ao médico Rudolf Virchow, a fim de ligar o filósofo alemão a Gobineau, também são rejeitadas pelo comentador, já que há inúmeras diferenças entre os pensamentos do conde e do patologista (cf. SCHANK, 2000, p. 7–13 e 435).

Gobineau não influenciou o filósofo alemão numa aparente mudança acerca da força da mistura de povos, temos que mostrar em qual conceito o aspecto positivo da *Mischung* se mantém. Para nós, isso ocorre na noção de bom europeu.

Acompanhemos algumas considerações de Marton (2022, p. 15-52) acerca da ideia nietzschiana de Europa. Para Nietzsche, a condição europeia no século XIX é de decadência e nivelamento. O romantismo e o nacionalismo, incluído aqui o antissemitismo, são parte significativa dos sintomas de degeneração cultural. O europeísmo nietzschiano é cosmopolita e não germanista, propondo para o continente não a unidade política, mas uma cultura que é, “antes de tudo, unidade de estilo artístico em todas as expressões da vida de um povo” (DS 1). E cultura aqui é certamente um projeto daqueles que têm o conhecimento das condições de florescimento cultural e não um projeto estatal, ou seja, a cultura não deve estar subordinada às metas do Estado. Assim, a tarefa nietzschiana deve opor-se ao filisteu da formação (*Bildungsphilister*) e propor a Europa como um lugar de experiências culturais múltiplas, para o que é necessária uma nova formação: “o aprimoramento de si implica desenvolver todas as potencialidades – não apenas para criar obras, mas para fazer-se enquanto obra” (MARTON, 2022, p. 16). É nesse contexto, e não naquele do racial sanguíneo de Gobineau, que devemos inserir o bom europeu de Nietzsche.

Aparecendo pela primeira vez em HH 475, aforismo apresentado no início deste artigo, o bom europeu, essa personagem de raça mista, pode ser aproximada ao espírito livre e ainda aos sem pátria de GC 377<sup>44</sup>:

[Nietzsche] Insistindo na ideia de que ele [o bom europeu] se põe “contra o nacional”, dá a entender que se trata daquele que se acha intimamente ligado à fusão das nações europeias, desprezando as fronteiras que nada mais fazem do que separar os países em vez de uni-los. Nômade, ele tem ciência de que todo o continente lhe pertence. Espírito livre, desapega-se do seu povo e, ao fazê-lo, torna-se capaz de pensar de maneira supraeuropeia. (MARTON, 2022, p. 44)

Os “bons europeus, herdeiros da Europa, os ricos, abarrotados, mas sobremaneira obrigados herdeiros de milênios de espírito europeu” (GC 377), vivenciaram e superaram o cristianismo e o judaísmo, Grécia e Roma.

Queremos associar fisiopsicologicamente a mistura e amálgama de raças do bom europeu, sua síntese e fusão, com a capacidade de lidar com tensões

---

<sup>44</sup> Lemos em GC 377, de 1886: “Nós, os sem-pátria. – Não faltam, entre os europeus de hoje, aqueles que possuem o direito de denominar-se sem pátria, num sentido honroso e eminente, e a eles é encarecidamente recomendada a minha secreta sabedoria e *gaya scienza*! [...] Nós, filhos do futuro, como poderíamos nos sentir em casa neste presente? Somos avessos a todos os ideais que poderiam levar alguém a sentir-se à vontade mesmo neste frágil e fraco tempo de transição; no que toca a suas ‘realidades’, porém, não acreditamos que tenha *duração*” (Conforme tradução de PCS, in NIETZSCHE, 2001, p. 280).

internas e, conseqüentemente, de criar novos valores, ou seja, com uma configuração de impulsos potentes e altamente hierarquizados. Se, no “Epílogo” de *O caso Wagner*, Nietzsche afirma que “o homem moderno constitui biologicamente<sup>45</sup>, uma contradição de valores, ele está sentado entre duas cadeiras, ele diz Sim e Não com o mesmo fôlego”<sup>46</sup>, ele diz no “Prólogo” de *Para além de bem e mal*: “Mas nós que não somos jesuítas, nem democratas, nem mesmo alemães o bastante, nós, bons europeus e espíritos livres, muito livres, nós ainda as temos, toda a necessidade [*Noth*] do espírito e toda a tensão do seu arco! E talvez também a seta, a tarefa e, quem sabe? o alvo...”<sup>47</sup>. No primeiro caso, trata-se de um organismo decadente, sem unidade de estilo (não nobre), que ora diz sim a algo, ora diz não. No segundo caso, utiliza-se a tensão para produzir algo. No “Prólogo”, Nietzsche considera que a luta contra o platonismo, isto é, contra o cristianismo, produziu um imenso antagonismo no espírito europeu, no entanto isso traz a possibilidade de grandes criações, porque se exige grandes superações: “com um arco assim teso pode-se agora mirar alvos mais distantes”. Há a expectativa de superação da metafísica platônico-cristã pelo bom europeu<sup>48</sup>.

O bom europeu é o ser humano de elevada valência do FP 1887/1888, 11 [413]: “Não é minha pergunta o que redime o ser humano, mas sim que tipo humano deve ser escolhido, desejado, selecionado [*gezüchtet*] como um ser humano de elevada valência [*höherwerthig*]”. Elevada valência: valência no sentido químico, ou seja, com muitas potencialidades de ação. Potencialidades que, certamente, competirão entre si por predomínio. Luta que apenas uma configuração potente suporta: “Eu estimo a potência [*Macht*] de uma vontade de acordo com quanta resistência, dor, tortura ela pode suportar e como elas podem transformar-se em vantagem” (FP 1887, 10 [118]). Os impulsos antagonistas devem estar organizados e hierarquizados: “Estética – Para ser um classicista, você tem de: ter *todos* os dons e apetites, aparentemente contraditórios, fortes,

<sup>45</sup> Nós interpretamos “biológico” aqui como a dinâmica impulsional da vontade de potência.

<sup>46</sup> Conforme tradução de PCS, in NIETZSCHE, 1999b, p. 45.

<sup>47</sup> Conforme tradução de PCS, in NIETZSCHE, 2005, p. 8, modificada.

<sup>48</sup> Na sequência do aforismo, Nietzsche escreve que o rebanho sente essa tensão como uma calamidade e que, por duas vezes, já se tentou aliviá-la: o jesuitismo e o Iluminismo democrático. Mas eles, podemos dizer, só se preocuparam em buscar alívio, não tinham a tarefa, a seta e, muito menos, o alvo. EM BM 206, o filósofo alemão apresenta o jesuitismo como uma religião da compaixão hipócrita, que visa, ao afrouxar a tensão, a despotencializar os homens de exceção, aqueles capazes de criar uma nova cultura. No FP 1883, 7 [238], Nietzsche denuncia o mais importante ponto de vista do jesuitismo, que seria o mesmo do socialismo, a saber, a dominação da humanidade com o objetivo de fazê-la feliz por meio de mantê-la na ilusão, ou seja, na fé, como lemos no FP 1883, 16 [23]: “a adesão consciente à ilusão e a sua incorporação forçada como base da cultura [*Cultur*]”. O jesuitismo, para o filósofo alemão, segundo a nota de Sánchez Meca e Conill (cf. NIETZSCHE, 2010, p. 350), seria também a estratégia de afirmar o que não se crê – daí a hipocrisia – para estabelecer uma situação baseada em mentiras ou ilusões. Essa noção teria sido encontrada por Nietzsche em *Fenomenologia da consciência moral* (*Phänomenologie des sittlichen Bewusstseins*, 1879) de Eduard von Hartmann.

de tal modo que caminhem juntos sob um mesmo jugo” (FP 1887, 9 [166]). Além disso, quanto mais perspectivas um organismo suportar, mais conhecimento ele terá:

sente muitos prós e contras – ele eleva-se à compreensão para além da avaliação do bem e mal. // A pessoa mais sábia seria a mais rica em contradições, que possui, por assim dizer, órgãos táteis para todo o tipo de homens: e às vezes a seus grandes momentos de grandiosa harmonia. (FP 1884, 26 [119])

O grande homem, aquele capaz de criar uma nova cultura, é um arco em tensão: “os maiores também podem ter grandes virtudes, mas também seus antagonistas. Eu acredito que é da existência dos antagonismos e de seus sentimentos que surge o grande homem [*große Mensch*], o arco com a grande tensão” (FP 1885, 35 [18]). Assim, pensamos que a mistura de povos possibilita, em seus indivíduos, a presença de uma grande variedade de características, muitas antagonistas, e, quanto maior a diferença entre elas, mais longe será lançada a flecha, isto é, mais elevadas poderão ser as criações culturais, porque serão o produto de grandes superações.

### Considerações finais

Não podemos pretender, especialmente em Nietzsche, encontrar uma definição única e definitiva para um conceito, pois “todos os conceitos em que um processo inteiro se condensa semioticamente se subtraem à definição: definível é apenas aquilo que não tem história [*Geschichte*]”<sup>49</sup> (GM II 13). Não ter história não é o caso da noção de *Rasse*, a qual assume vários sentidos não apenas na obra nietzschiana. No entanto, podemos destacar um significado mais adequado aos objetivos de nosso artigo e que nos parece ser mais representativo com aquilo que entendemos ser o núcleo da filosofia nietzschiana, aquilo que faz essa filosofia ser relevante: a denúncia dos dogmatismos e da despotencialização do aqui e agora e a possibilidade da manifestação das múltiplas e numerosas capacidades criativas dos seres humanos. Assim, para nós, *Rasse* tem o sentido de um tipo fisiopsicológico, cuja importância está em função não só de um diagnóstico cultural, mas também de propostas para novas culturas. Rejeitamos toda espécie de reducionismo corporal ou biológico no pensamento de Nietzsche, ao menos naquele que é relevante. A mistura é um tipo que é capaz de congrega e operacionalizar múltiplas tendências distintas.

Se, em alguns poucos excertos, uma interpretação racista é praticamente incontornável, não devemos atrelar a eles todas as intenções da filosofia de

---

<sup>49</sup> Conforme tradução de PCS, in NIETZSCHE, 1998, p. 68.

Nietzsche. Tal reducionismo racial no sentido biológico fere largos trechos dos próprios textos nietzschianos. Alguns exageros retóricos ou ênfases fora de tom não justificam o que Daniel Dennett diz Nietzsche merecer:

Enquanto Darwin se expressava com extrema cautela, Nietzsche se entregava a uma prosa tão acalorada que ele bem merece que em sua legião de devotos estejam incluídos um bando infame de nazistas execráveis e incompreensíveis e outros fanáticos cujas perversões de seus memes<sup>50</sup> fazem as perversões de Spencer das ideias de Darwin parecerem quase inocentes<sup>51</sup>. (DENNETT, 1998, p. 487)

Além disso, a maioria dos exemplos históricos que o filósofo alemão utiliza, particularmente em *Genealogia da moral*, deve ser entendida no contexto de seus escritos. Nesse contexto, o mal-entendimento da fisiopsicologia nietzschiana é central nos equívocos acerca da noção de raça. Se pensarmos, de modo equivocado, os impulsos ou forças (os *quanta* de potência) como elementos materiais e como uma descrição da realidade última das coisas, dificilmente escaparemos de uma forte aproximação entre Nietzsche e Gobineau<sup>52</sup>.

Esses equívocos foram fomentados também por leituras apressadas e desonestas, mas ainda mais pela divulgação tendenciosa de Elisabeth, e pior: no início do século XX, a irmã de Nietzsche era vista como uma autoridade e uma fonte confiável sobre o pensamento do filósofo, como é possível perceber em alguns comentadores que expusemos acima.

---

<sup>50</sup> Aqui Dennett utiliza meme no sentido que Richard Dawkins lhe deu em 1976: unidade de transmissão das características culturais, análoga aos genes da evolução biológica. Dennett (1998, p. 484) considera Nietzsche o segundo grande sociobiólogo. O primeiro seria Thomas Hobbes, e o terceiro, Darwin.

<sup>51</sup> Conforme tradução de Talita M. Rodrigues.

<sup>52</sup> Certamente estamos deixando de lado questões importantes. Se dermos razão a Ansell-Pearson (1997, p. 162), quando afirma: “Em *Além do bem e do mal* (1885) e em outros textos (ver especialmente o quinto livro de *A gaia ciência*, 1887), Nietzsche adota uma política imoral de inspiração maquiavélica, que acredita ser possível justificar seu governo despótico pelo desenvolvimento de uma cultura mais elevada e mais nobre, que redimirá a ‘vida’ dos efeitos de dois milênios de cultura moral cristã” (Conforme tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama), não podemos nos furtar a perguntar se a raça entendida numa perspectiva cultural não teria também efeitos sinistros similares àqueles do racismo biológico. Outra questão é sobre um possível eurocentrismo de Nietzsche: o seu cosmopolitismo vale apenas para os povos europeus ou atinge outras culturas? Todos esses aspectos devem ser investigados.

## Referências bibliográficas

ANDLER, Charles. **Nietzsche: sa vie et sa pensée**. v. III: Nietzsche et le transformisme intellectualiste. La dernière philosophie de Nietzsche. Paris: Gallimard, 1958.

ANDLER, Charles. **Nietzsche: vida e pensamento**. v. II: O pessimismo estético de Nietzsche. A maturidade de Nietzsche. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, PUC-Rio, 2016.

ANSELL-PEARSON, Keith. **Nietzsche como pensador político: uma introdução**. Tradução: M. Gama e C. M. Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

DENNETT, Daniel C. **A perigosa ideia de Darwin: A evolução e os significados da vida**. tradução: T. M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DI FILIPPO, Josefina. Nietzsche e contemporâneos: a cultura como sintoma. **Cadernos Nietzsche**, n. 19, p. 43-77, 2005.

FÖRSTER-NIETZSCHE, Elisabeth. **Der einsame Nietzsche**. Leipzig: Alfred Kröner, 1914.

FÖRSTER-NIETZSCHE, Elisabeth. **The life of Nietzsche. vol. II: The Lonely Nietzsche**. Transl.: Paul V. Cohn. New York: Sturgis and Walton, 1915.

FREZZATTI Jr., Wilson Antonio. *A pia fraus* (mentira piedosa) sob a perspectiva da *Genealogia da moral*: vontade de potência e mito. In: PASCOAL, Antonio Edmilson; FREZZATTI Jr., Wilson Antonio. **120 anos de Para a Genealogia da moral**. Ijuí: UNIJUÍ, 2008. p. 263-280.

FREZZATTI Jr., Wilson Antonio. **Nietzsche e a psicofisiologia francesa do século XIX**. São Paulo: Humanitas, 2019.

FREZZATTI Jr., Wilson Antonio. **A fisiologia de Nietzsche: a superação da dualidade cultura/biologia**. 2. ed. Curitiba: CRV, 2022a.

FREZZATTI Jr., Wilson Antonio. **Nietzsche contra Darwin**. 3. ed. São Paulo: UNIFESP, 2022b.

FRIEDRICH NIETZSCHE'S LIBRARY. **The Nietzsche Channel**. Disponível em: <http://www.thenietzschechannel.com/library/library.htm>. Acesso em: 08 outubro. 2024.

GOBINEAU, Arthur de. **La Renaissance: Savonarole – Cesare Borgia – Jules II – Léon X – Michel-Ange: Scenes historiques**. Paris: Plon-Nourrit, 1903. Disponível em:

---

<https://archive.org/details/renaissancesavon00gobi/page/n17/mode/2up>

Acesso em: 17 outubro. 2024.

GOBINEAU, Arthur de. **Essai sur l'inégalité des races humaines. Livre I.** Paris: Pierre Belfond, 1967. Disponível em: [http://classiques.uqac.ca/classiques/gobineau/essai\\_inegalite\\_races/essai\\_in\\_egalite\\_races\\_1.pdf](http://classiques.uqac.ca/classiques/gobineau/essai_inegalite_races/essai_in_egalite_races_1.pdf) Acesso em: 17 outubro. 2024.

HERMANN, Arthur. **A ideia de decadência na história ocidental.** Tradução: C. Azevedo e P. Soares. Rio de Janeiro: Record, 1999.

JANZ, Curt Paul. **Friedrich Nietzsche: uma biografia.** v. III: Os anos de esmorecimento, documentos, fontes e registros. Tradução: Markus A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2016.

KAUFMANN, Walter. **Nietzsche: Philosopher, Psychologist, Antichrist.** 4th ed. Princeton: Princeton University Press, 1974.

LOMBROSO, Cesare. **L'uomo bianco e l'uomo di colore: Letture sull'origine e le varietà delle razze umane.** Padova: F. Sacchetto, 1871.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche, "O Bom Europeu": A recepção na Alemanha, na França e na Itália.** São Paulo: UNIFESP, 2022.

MOORE, Gregory. **Nietzsche, Biology and Metaphor.** Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: UFMG. **Inclusão social: um debate necessário?** Disponível em: <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59> Acesso em: 26 setembro. 2024.

NIEMEYER, Christian. Verbete "Gobineau, Arthur Conde de". In: NIEMEYER, Christian (org.). **Léxico de Nietzsche.** Trad.: A. M. Garcia, E. Chaves, F. Barros, J. L. Viesenteiner e W. Matioli. São Paulo: Loyola, 2014. p. 247-250.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral.** Tradução: P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **Kritische Studienausgabe (KSA), B. 14: Kommentar zu Band 1-13.** G. Colli und M. Montinari (Hg.). Berlin: Walter de Gruyter, 1999a.

NIETZSCHE, Friedrich. **O caso Wagner. Nietzsche contra Wagner.** Tradução: P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999b.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano.** Tradução: P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Tradução: P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**. Tradução: P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. Tradução: P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**. Tradução: P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **O anticristo**. Tradução: P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **Fragmentos póstumos (1882-1885)**. Tradução: Diego Sánchez Meca e Jesús Conill. Madrid: Tecnos, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. **Nietzsche Source: Digital Critical Edition (eKGWB)**. Dirigido e organizado por Paolo D'Iorio. Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>. Acesso em: 07 outubro. 2024.

NOSSA UOL. Um mundo sem camembert e roquefort: queijos franceses podem estar com os dias contados. 22/02/2024. Disponível em: <https://www.uol.com.br/nossa/noticias/rfi/2024/02/22/um-mundo-sem-camembert-e-roquefort-queijos-franceses-podem-estar-com-os-dias-contatos.htm> Acesso em: 05 outubro. 2024.

OWEN, David. Rhetorics of Degeneration: Nietzsche, Lombroso, and Napoleon. **Journal of Nietzsche Studies**, v. 52, n. 67, p. 51-64, 2021.

RICHTER, Claire. **Nietzsche et les theories biologiques contemporaines**. 2e ed. Paris: Mercure de France, 1911.

SALANSKIS, Emmanuel. Verbete “Raça”. In: GEN. **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Loyola, 2016, p. 350-352.

SCHANK, Gerd. **“Rasse” und “Zuchtung” bei Nietzsche**. Berlin: Walter de Gruyter, 2000.

VERECCHIA, Anacleto. **La tragedia di Nietzsche a Torino.: La catastrofe del filosofo che sognava um Superuomo al di là del bene e del male**. Milano: Bompiani, 1997.